

GT 22 - VIVÊNCIAS E PESQUISAS A PARTIR DO PIBID E ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO: UM OLHAR CRÍTICO ACERCA DAS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES EM FORMAÇÃO

**PROJETO: LER É BOM! EXPERIMENTE! EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA.**

**Jéssika Mirelly Farias da Silva**  
**(Licencianda em Pedagogia/UEPB/PIBID-CAPES)**  
**Luizete Alves dos Santos**  
**(Licencianda em Pedagogia/UEPB/PIBID-CAPES)**  
**Patrícia da Silva Souza**  
**(Licencianda em Pedagogia/UEPB/Estágio Supervisionado)**  
**Patrícia Ferreira Nóbrega**  
**(Licencianda em Pedagogia/UEPB/PIBID-CAPES)**  
**Ma. Teresa Cristina Vasconcelos**  
**(Professora/Pedagogia/UEPB/PIBID-CAPES)**  
**Zilda Gonçalves Paulino de Sousa**  
**(Professora/Supervisora/PIBID-CAPES)**

### **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo relatar nossa experiência de bolsistas do PIBID/CAPES/UEPB - Subprojeto Pedagogia -, com uma turma do 5º ano, numa escola da rede estadual de ensino, na cidade de Campina Grande - Paraíba. Dentre as atividades desenvolvidas, destacamos aqui o projeto intitulado Ler é bom! Experimente! cujo foco foi o desenvolvimento da habilidade de ler diferentes gêneros textuais. Metodologicamente, fizemos análise da realidade, preparamos o projeto e o planejamento das aulas, estudamos conteúdos para elaborar as atividades e buscamos os recursos didáticos que contribuíssem para a aprendizagem dos alunos. O resultado positivo da realização deste trabalho foi percebido em produções e em depoimentos dos alunos, da professora supervisora e da gestora da instituição. Para nós, a realização desse Projeto proporcionou uma experiência de iniciação à docência muito expressiva, o que vem contribuir para o nosso processo de formação em licenciatura.

**Palavras-chave:** Docência. Leitura. Gêneros textuais. Interdisciplinaridade.

### **Introdução**

Cursamos licenciatura em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e, no segundo semestre de 2012, vivenciamos a experiência aqui relatada, com uma turma do 5º ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Campina Grande – Paraíba.

Cientes de que, por vários motivos, muitos estudantes não têm o costume de ler, entendemos que a escola é, na maioria das vezes, o único ambiente em que eles podem desenvolver esse hábito e ter a oportunidade de acesso a textos diversificados e de boa qualidade.

Com esta compreensão e de posse dos dados da realidade dos alunos que compõem a sala de aula com a qual nos deparamos, em termos de aprendizagem escolar, surgiu a ideia de nos iniciarmos na docência elegendo a leitura como aspecto principal a ser focado, a fim de contribuir para um processo de ensino e aprendizagem mais significativo. Para tanto, preparamos o projeto intitulado Ler é bom! Experimente! com o objetivo de habilitar os estudantes para ler diferentes gêneros textuais, considerando a interdisciplinaridade e a realidade da escola. Além dos aspectos cognitivos, houve também a preocupação de se levar em conta aspectos afetivos, culturais e sociais.

A partir do estudo de documentos oficiais e de publicações de autores como Freire (2007 e 2005), Geraldo (2009), Perini (2005), Severino (2001), e Silva (1995), como também do contato com revistas especializadas pudemos entender melhor o papel do hábito da leitura no desenvolvimento e na aprendizagem de estudantes, compreendendo a sua relevância no cotidiano escolar e social.

## **Desenvolvimento**

Na análise da realidade da escola e, mais especificamente, dos alunos com quem trabalharíamos, detectamos que a maior parte deles apresentava sérios problemas para produzir e interpretar textos de uso social, orais e escritos. Apesar de estarem cursando o 5º ano, muitos ainda não conseguiam ir além da mera capacidade de codificar e decodificar. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.53) explicam que

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que

utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência.

Vimos, então, a necessidade de oferecer àqueles estudantes os meios para atingir capacidades lingüísticas que lhes permitissem exercer as práticas de leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais que circulam no seu meio social.

Essa situação vem ao encontro das orientações que o Ministério da Educação preparou para o professor sobre a Prova Brasil (2009), em cuja introdução se afirma que “o desafio da educação continua sendo tornar o estudante competente para que possa ler e entender aquilo que está registrado no mundo, nas diferentes situações de comunicação e nas diferentes tarefas de interlocução em que, como cidadãos, estamos inseridos”.

Para nos lançarmos nesse desafio preparamos o projeto supracitado e, ao longo de quatro meses fizemos planejamento das aulas, considerando o aprofundamento do estudo dos conteúdos para elaborar as atividades e produzimos/adquirimos recursos didáticos que contribuíssem para que os alunos se tornassem leitores, no sentido que Silva (1995, p.55) nos apresenta: “ser leitor é ser capaz de aprender os referenciais inscritos num texto, o que significa dizer compreender a dinâmica do real e compreender-se como um ser que participa dessa dinâmica”.

A nossa ação pedagógica se desenvolveu considerando diferentes gêneros textuais, já que a proposta era aproximar os alunos da diversidade textual que existe fora da escola, com práticas de leitura e escrita que lhes permitissem experimentar como cada um está inserido em um ato de comunicação específico. Assim, elegemos aqueles que circulam socialmente de forma recorrente (por exemplo: imagem, bula de remédio, receita culinária, carta, e-mail, texto informativo, reportagem, panfleto, mapa), explicando que eles se definem pelas características das quais se constituem, tais como a linguagem e o conteúdo propriamente dito.

Ora, se os textos se constituem de características distintas, foi muito importante que as crianças compreendessem o seguinte:

- Em que contexto, ou seja, em que situação foi escrito, produzido, determinado texto?
- Para quem ele foi escrito, isto é, quem serão as pessoas mais interessadas em lê-lo?
- Quem o escreveu?
- Quais as intenções, os objetivos, que levaram quem o escreveu a produzi-lo?

Nesse sentido, Freire (2005, p. 11 e 22) afirma que:

(...) A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Freire defende uma concepção de leitura que se distancia das tradicionais. Uma leitura que implica nas relações entre texto e contexto. Logo, um ensino que se embasa tanto quanto possível em situações reais que contextualizem a leitura e a escrita. Sendo assim, ao trabalhar com gêneros textuais pudemos vivenciar com os alunos a interdisciplinaridade através das Artes, com releitura de imagem, da Ciência com a temática Educação Sexual: puberdade e adolescência, e História e Geografia, estudando o continente Africano e afrodescendência.

Em relação a esta última temática, vale ressaltar a inquietação dos alunos diante de mitos apresentados sobre a África na grande mídia e o despertar de sua curiosidade investigativa frente a textos e diferentes documentos que trouxessem respostas às suas indagações, ao mesmo tempo em que relacionavam a aprendizagem escolar à sua experiência de vida.

Segundo Severino (2001, p.41), “se o sentido do interdisciplinar precisa ser redimensionado quando se trata do ser teórico, ele precisa ser construído quanto se trata do fazer prático”. E essa construção se mostrou materializada no decorrer das aulas, em cada atividade realizada, e com a culminância do projeto, quando os alunos expuseram seus trabalhos para outras turmas.

Fator que consideramos relevante nesse processo foi o acompanhamento das crianças por nós, durante a realização das atividades propostas, seja individualmente ou em duplas, fazendo as intervenções cabíveis para garantir a aprendizagem.

### Desafios e perspectivas no processo de ensino-aprendizagem e a experiência com o Projeto

O PIBID é muito importante para o licenciando que deseja aprender de forma ativa no espaço escolar, pois possibilita o contato com a escola e sua realidade, com os alunos e com a equipe escolar de forma geral.

Durante o nosso primeiro semestre no Programa, pudemos observar e vivenciar experiências muito significativas e inusitadas. Exemplo disso foi a situação com que nos deparamos ao darmos início às nossas atividades na escola. Devido a uma reforma geral no prédio, fez-se necessário buscar um espaço onde as aulas tivessem continuidade, a fim de não interrompermos o processo. Como estava muito difícil encontrar esse lugar, nos contentamos em nos instalar na pequena cozinha de uma igreja próxima, o único que não alteraria muito a rotina dos alunos e suas famílias, em termos de locomoção. Era isso ou parar tudo e esperar meses até que a escola ficasse pronta. Nessa situação, decidimos tirar o melhor proveito possível, incluindo em nossas aulas o trabalho com o gênero textual receita. Assim, aquele espaço com pia, geladeira, fogão, armário e louças, ao invés de atrapalhar, nos proporcionou uma deliciosa experiência. Seguindo o passo a passo, desde o preparo até a degustação, os alunos leram e releeram o texto para separar os ingredientes e entender a maneira de fazer. Momento em que não deixamos escapar a oportunidade de fazê-los lidar com conceitos matemáticos (quantidade, peso, medida), e ver que, neste tipo de atividade, também estão envolvidas as demais áreas do conhecimento, incentivando, desse modo, a atitude interdisciplinar.

No decorrer dessa atividade, pudemos ver na expressão de cada um a satisfação de aprender colocando a mão na massa, literalmente. Observamos que esse tipo de experiência em sala de aula torna o aprendizado muito mais significativo e que, além disso, gera oportunidades para por em prática atitudes de colaboração e respeito mútuo.

Ainda no contexto de espaço reduzido, pensamos numa forma de estabelecer relação desta com as outras turmas que também se instalaram, temporariamente, em pequenas salas contíguas à igreja que aceitou o nosso pedido de guarida. Para tanto, na semana em que se comemorava o “Dia da Criança” as aulas foram diferentes, envolvendo todas as turmas com contação de histórias, confecção de brinquedos, minigincana com brincadeiras, e lanche coletivo, de modo que a leitura fosse o “carro-chefe” das atividades propostas. A falta de uma estrutura física adequada não impediu que o trabalho fosse realizado, muito menos se tornou um empecilho para uma prática educativa comprometida. Como Geraldo (2009, p.94), entendemos que

(...) a aprendizagem escolar deve ser um processo de assimilação-apropriação e construção significativa, crítica e criativa de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, que deverão ser organizados e orientados pelo professor no processo de ensino.

Nessa oportunidade de propiciar momentos significativos de ensino e aprendizagem compreendemos, na prática, o que professores experientes querem dizer com “não existe uma receita pronta”, que precisamos nos adequar a cada realidade, estimulando o envolvimento de todos: escola, professores, pais, alunos e comunidade.

Como diria Freire (2007, p. 39) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Por isso, durante todo o tempo que nos dedicamos a esse projeto, conscientes da nossa condição de professores em formação, tentamos, dentro de nossas possibilidades, assumir a postura do pesquisador que toma distância do objeto pesquisado, a fim de lançar um olhar crítico acerca da nossa prática pedagógica, contando, para isso, com a experiência da professora supervisora que, atenta, nos questionava e nos orientava sobre os possíveis caminhos a seguir.

Essa experiência nos levou a perceber que

uma pedagogia da leitura não tem conteúdo exclusivamente didático ou técnico, dependendo também, e principalmente, do projeto – político e teórico – que a fundamenta. Um projeto que objetive suprimir as deficiências do sistema educacional brasileiro tende a colocar em primeiro plano a sólida formação do leitor, esperando, no mínimo, torná-lo apto a compreender o(s) sentido(s) do(s) texto(s) e, no máximo, que esse leitor se mostre crítico e/ou criativo perante os materiais lidos e o mundo a que esses se referem. (PERINI, p.115, 2005)

A consciência da importância dessa sólida formação do leitor permeou todo o nosso trabalho e provocou o envolvimento efetivo nas ações desenvolvidas, nos instigando à busca pela inovação da prática pedagógica, pelo desenvolvimento da habilidade de preparar bem os procedimentos de ensino e o cuidado de utilizar adequadamente recursos didáticos, isto é, nos levou a desenvolver reflexões sobre algumas abordagens didático-metodológicas a partir de análises de documentos oficiais, livros didáticos e organização dos conteúdos.

### **Discussão dos resultados:**

Consideramos nossa atuação positiva, mas com a consciência de que precisamos melhorar e criar momentos e propor atividades que desenvolvam mais e mais a

capacidade de aprender dos alunos, bem como buscar estratégias de ensino que possam ajudá-los em suas dificuldades.

O projeto Ler é bom! Experimente! nos mostrou que diversos gêneros textuais devem ser trabalhados, e o caminho para isso está no incentivo à leitura nos diferentes contextos socioculturais envolvendo a família, a escola e a comunidade. Mas sabemos que isso ocorrerá apenas quando todos esses âmbitos passarem a valorizar efetivamente a leitura, sem perder de vista que, em salas de aula do ensino fundamental, ela deve estar vinculada aos objetivos de aprendizagem.

Em se tratando do ambiente escolar a leitura deve fazer parte do cotidiano das crianças, uma vez que pode estimular sua criatividade e sua imaginação. Lendo, a criança vai aprendendo a expressar formas de ser e de se comportar. Além do mais, o acesso a uma diversidade de gêneros textuais favorece a criticidade e desenvolve o intelecto.

O educador deve ter em mente que é importante que a criança seja estimulada a ler livros e revistas adequadas à sua idade, consciente de que aprender pressupõe um esforço cognitivo e requer força de vontade, disciplina, concentração e dedicação.

Na visão sociointeracionista do desenvolvimento infantil, a construção do conhecimento se dá pela interação das crianças com outras pessoas e com o seu ambiente. Sendo assim, a leitura compartilhada possibilita novos tipos de relações e proporciona a criação de situações imaginárias; e por meio dela a criança amplia o universo cultural que a rodeia.

No âmbito escolar, o domínio da leitura apresenta-se como fundamental para se repensar as relações de ensino e de aprendizagem e os conteúdos escolares, o que instaura uma nova ordem pedagógica em que a aprendizagem inclui lidar com limites que são testados, estabelecidos e ultrapassados. Cabe ao professor incentivar a participação de forma que aluno e professor sejam instigados a saber mais devido às determinações do gênero textual a ser lido.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem orientações didáticas que permeiam as especificações acerca do ensinar e do aprender em cada uma das disciplinas específicas que compõem as áreas do conhecimento (Língua Portuguesa, Ciências Naturais, Geografia, História e Matemática).

Para o ensino das *Ciências Naturais*, são enfatizadas algumas modalidades para a obtenção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia: a observação, a experimentação, a leitura de textos informativos e o estudo do meio (BRASIL, 2001).

No ensino da *Matemática* há inúmeras possibilidades de se utilizar jogos na aprendizagem dos conteúdos.

O ensino da *Língua Portuguesa* está baseado no trabalho com a diversidade de diferentes textos e as combinações entre eles no ensino da leitura e da escrita. Portanto, devem ser disponibilizados na escola diversos textos dos mais variados gêneros, tais como:

livros de contos, romances, poesias, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros (BRASIL, 2001, p 92).

O ensino da *História* e da *Geografia* nos anos iniciais exige dos alunos leituras e interpretações de textos, e do professor um maior entendimento do conteúdo abordado. Desse modo, as pesquisas devem favorecer, no estudo da *História* e da *Geografia*, “troca de informação, socialização de ideias... domínios linguísticos, escritos, orais, iconográficos, cartográficos e pictóricos” (BRASIL, 2001, p.77).

Com o desenvolvimento desse projeto entendemos a importância do PIBID, pois encontramos nesta oportunidade a chance de aprofundar/ampliar o conhecimento dos conteúdos e aprimorar as habilidades necessárias à docência; reconhecemos a necessidade e a importância do trabalho em equipe no cotidiano escolar; compreendemos que é imperativo se fazer a análise da realidade da escola e, especificamente, da classe, a fim de se obter dados para a elaboração do Projeto de Ensino-aprendizagem a partir das reais necessidades apresentadas; vimos o quanto pudemos ajudar a fortalecer o trabalho da professora supervisora e quanto melhorou o rendimento dos alunos. Por fim, aprendemos que precisamos estar atentas à nossa prática, avaliando-a continuamente e fazendo as mudanças cabíveis a fim de fazer com que os alunos aprendam mais e melhor.



## Referências:

BRASIL. **Língua portuguesa**: orientações para o professor, Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º ano, ensino fundamental. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2009.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa, 3ed, Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: ciências naturais, 3ed, Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: história e geografia, 3ed, Brasília: MEC/SEF, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GERALDO. Antonio Carlos Hidalgo. **Didática de ciências naturais na perspectiva histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2005

SEVERINO, A. J. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: Fazenda, I. C.A (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5 ed. Campinas: Papirus, 1995.